



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**

Departamento de Letras Vernáculas  
Rua Barão de Jeremoabo nº147 Campus Universitário-Ondina CEP 40170-290- Salvador-BA  
Telefone: (071) 32836237 let03@ufba.br

**PROJETO**

**As cartas dos Povos Indígenas ao Brasil**

(Projeto financiado pelo CNPq- processo n. 42368820189)

Por

**Profa. Dra. Suzane Lima Costa**

**RESUMO**

Trata-se da criação e publicização do primeiro arquivo digital de cartas escritas por indígenas e encaminhadas ao Brasil em três importantes períodos da nossa história literária e política: 1630-1680 (*antes* do Brasil), 1888-1930 (na *nação* Brasil) e entre 1999-2020 (no *presente* Brasil). Com a criação desse arquivo pretende-se analisar as composições desse tipo de escrita, discutindo quem é o Brasil destinatário dessas cartas, tanto para apresentar os modos como diferentes líderes indígenas, ao biografarem suas próprias vidas, narram uma outra história do Brasil, quanto para demonstrar como nessas correspondências os povos indígenas nos apresentam a uma outra concepção de autoria: à noção de povo-autor. Para tanto, partiremos das 664 cartas já selecionadas e catalogadas durante a execução do projeto *Autobiografias indígenas em trinta anos de cartas* (projeto financiado pelo CNPq no Edital Universal 2013), analisando o destinatário Brasil e os contornos da autoria individual e coletiva dos indígenas durante o período de 1999-2020. Em seguida, nos dedicaremos à análise das cartas produzidas pelos indígenas Antonio Paraopeba e Felipe Camarão (cartas escritas no período colonial), presentes nos Arquivos da Real Biblioteca (Koninklijke Bibliotheek) da Holanda, em Haia (Nationale Bibliotheek van Nederland), bem como das cartas em defesa da terra, produzidas entre as décadas de 1888-1930. Após seleção, tradução e análise dessas correspondências, partiremos para a revisão bibliográfica das noções de autor e autoria no espaço biográfico até chegarmos às leituras sobre formas e funções do gênero epistolar na literatura brasileira. Como resultado desta pesquisa, além da sua comunicação em congressos nacionais e internacionais e da publicação de artigos em revistas indexadas, pretendemos apresentar dois produtos principais: 1. Um arquivo dessas cartas em uma plataforma digital: espaço para outros estudos sobre a história literária do Brasil através das

correspondências dos indígenas; 2. Uma exposição foto(áudio)biográfica dessas cartas, que possa promover uma discussão estética/política da autoria indígena em escolas públicas e museus nacionais e internacionais.

## **OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS**

### **Objetivo geral:**

Produzir uma plataforma digital para publicação do primeiro arquivo de cartas escritas por indígenas e encaminhadas ao Brasil, analisando e discutindo as composições desse tipo de escrita, tanto para apresentar os modos como diferentes líderes indígenas, ao biografarem suas próprias vidas, narram uma outra história do Brasil, quanto para demonstrar como nessas correspondências os povos indígenas nos apresentam a uma outra concepção de autoria: à noção de povo-autor.

### **Objetivos específicos:**

- a) Analisar as composições das cartas escritas pelos indígenas, discutindo quem é o Brasil destinatário dessas cartas;
- b) Discutir e caracterizar os modos como diferentes líderes indígenas, ao biografarem suas próprias vidas, narram uma outra história do Brasil;
- c) Apresentar e discutir a concepção de povo-autor a partir da construção da assinatura autoral de parte das cartas dos povos indígenas;
- d) Selecionar, traduzir e organizar as cartas produzidas por Antonio Paraopeba, Pedro Poty e Felipe Camarão, trocadas no período colonial, bem como das cartas em defesa da terra, produzidas entre as décadas de 1888-1930;
- e) Discutir a noção de epistolografias e a formação do espaço (foto)biográfico nos estudos da literatura brasileira contemporânea;
- f) Criar e organizar uma plataforma digital para publicização do primeiro arquivo das cartas dos indígenas;

- g) Produzir uma exposição foto(áudio)biográfica das cartas escritas entre os anos de 2000-2018, a partir da confecção de cartas-faladas na voz dos indígenas e de self-retratos dos autores das principais correspondências selecionadas.

## **APRESENTAÇÃO GERAL DA PROPOSTA**

A escrita epistolar sempre esteve presente na história da literatura brasileira. Das primeiras escrituras coloniais aos modos contemporâneos de escrever cartas, as conversações entre remetente e destinatário nos colocam diante de pactos biográficos e de paisagens intelectuais e temporais da nossa própria história. No Brasil, são muitas as pesquisas que analisam cartas produzidas *sobre* os povos indígenas para uma compreensão crítica da nossa história política e literária, tratando essas correspondências como valiosos arquivos dos processos de criação dos seus autores, testemunhos de notórias situações políticas e/ou documentos históricos.

Todavia, há uma lacuna significativa nessas pesquisas e abordagens quando o indígena se torna o remetente das cartas, o autor desse tipo de texto, ou seja, quando a biografia, o testemunho ou o documento histórico foi produzido pelo próprio índio. Há, inclusive, a dúvida sobre a autoria do texto e a imediata associação à ideia de que não seria possível aos indígenas no Brasil escrever cartas (ou qualquer outro tipo de texto), principalmente quando essa escrita está diretamente ligada ao ‘Brasil’ antes da Nova República. No entanto, esse gênero de escrita perfila entre os indígenas desde o século XVI com a introdução das práticas de escrita alfabética pela colonização europeia. Algumas dessas cartas foram traduzidas em 1912 pelo historiador Pedro Souto Maior (MAIOR, 1913), outras estão ainda sem tradução e disponíveis nos Arquivos da Real Biblioteca (Koninklijke Bibliotheek) da Holanda, em Haia (Nationale Bibliotheek van Nederland), como é o caso das cartas dos indígenas Antonio Paraopeba, Pedro Poty, Felipe Camarão. Essas cartas encontram, salvaguardando a devida distância temporal, na atualidade das correspondências produzidas por Marcos Terena, Gabriel Gentil, Azilene Kaingang, Sônia Guajajara, o Brasil e a criação literária e política de uma outra versão da sua própria história.

No final de 2013, passamos a pesquisar as composições desse tipo de escrita e elaboramos o projeto de pesquisa intitulado *Autobiografias indígenas em trinta anos de*

*cartas*<sup>1</sup> com o intuito de colocar em circulação as cartas que os povos indígenas escreveram e destinaram ao Brasil, produzindo uma discussão sobre o espaço biográfico movimentado pelos indígenas com essas cartas nos últimos trinta anos. Para nossa surpresa, encontramos 664 cartas escritas em língua portuguesa<sup>2</sup> pelos indígenas e espalhadas em sites de organizações não governamentais e em redes sociais durante o período de 2000-2015.

Percebemos que as cartas tinham um agenciamento temporal particular, porque acompanhavam o modo como os indígenas compreendiam e respondiam aos imperativos jurídicos e históricos que o Estado brasileiro ativava em seus corpos. Entender essa temporalidade também é entender como os indígenas escolheram a carta como um gênero oficial de documentação e conversa com o Estado brasileiro. Para apresentar os contornos dessa temporalidade no arquivo e pensar a ideia do Brasil como destinatário das cartas, organizamos as correspondências da seguinte forma: 1) Cartas aos 500 anos (correspondências que compreendiam o marco dos 500 anos do Brasil e que foram destinadas ao Presidente Fernando Henrique Cardoso); 2) Cartas para os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (correspondências que marcaram a entrada do Partido dos Trabalhadores na Presidência do Brasil); 3) Cartas de repúdio aos assassinatos de lideranças (correspondências que denunciavam os crimes e suicídios de indígenas nos processos de retomada das suas terras); 4. Cartas escritas por mulheres indígenas (Correspondências nas quais as mulheres repudiavam a ação do Estado e dos fazendeiros).

Como encontramos um surpreendente e expressivo número de cartas escritas por indígenas, logo nos primeiros meses da pesquisa, decidimos por selecionar 100 destas correspondências, produzidas durante os anos de 2000 a 2015 e não ampliar a pesquisa naquele momento, para que pudéssemos trabalhar com um número menor de cartas e apresentar os resultados no tempo que havíamos previsto. Eleger o Brasil como destinatário, e como o outro partícipe da vontade reivindicatória e dialógica do indígena,

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pelo CNPq, que teve como objetivo central montar o arquivo das cartas produzidas pelos povos indígenas e que hoje circulam com ampla repercussão nas redes sociais e em portais de notícias dentro e fora do Brasil, bem como das cartas que, fora do espaço virtual, foram encaminhadas por líderes indígenas às organizações internacionais e ao Governo Federal do Brasil, desde a promulgação dos direitos indígenas na Constituição de 1988 até a presente data.

<sup>2</sup> Todas as cartas escritas nas línguas indígenas possuem uma versão em português. Algumas cartas, como as dos Yanomami, são bilingues. As cartas coletivas, produzidas por alguns grupos, são cartas ditadas aos indígenas que dominam a escrita da língua portuguesa ou aos parceiros não indígenas escolarizados (antropólogos, indigenistas, pesquisadores e ativistas), que participam das assembleias indígenas. Cabe ressaltar que nem todos os povos indígenas permitem a participação de não indígenas na transcrição dos seus documentos públicos e preferem que o texto seja produzido com a participação oral restrita da comunidade indígena em suas assembleias e encontros.

foi nossa primeira prática seletiva, nossa primeira experimentação e o nosso primeiro encontro para uma definição de metodologia para organizar as cartas. Todavia, não tivemos como iniciar um estudo teórico mais sistêmico e detalhado sobre o que significava, afinal, o Brasil como interlocutor primeiro dos indígenas, sobre quem é o Brasil-destinatário das cartas escritas pelos índios.

Além dessas questões, levantadas durante a primeira coleta das cartas, também nos chamaram atenção especial as assinaturas coletivas reproduzidas em mais de 300 correspondências. Nelas vemos em destaque, mudando apenas o nome de cada grupo étnico, a assinatura coletiva do povo e, no corpo do texto de muitas cartas, a defesa de que o povo indígena é o verdadeiro autor da escrita. No final da década de 1980, no livro *For those who come after: a study of native american autobiography* (1989), Arnold Krupat apresenta uma crítica ao problema das produções escritas por indígenas americanos, por ainda não serem da posse de autores reconhecidos - o que contribuiria para que a cultura euramericana negligenciasse esses discursos. Havia também, para o crítico, uma outra questão por vezes negligenciada: quem estaria autorizado a anexar o nome de um autor ao discurso indígena, que sempre teve no anonimato, e na **não** condição de propriedade, a base e fundamento da sua literatura? Questões mais recentes, produzidas sobre a autoria indígena, como as elaboradas por Jane Stanford (2016), em seu livro *Colonial Literature and the Native Author: Indigeneity and Empire*, alargam a discussão apresentada por Krupat (1989) ao perguntar o que acontece quando o romantizado assunto da literatura colonial se torna autor da escrita que sempre foi considerada como própria da linguagem do império? Um novo tipo de escrita é produzido ou o autor indígena repete os mesmos modelos do colonizador?

Essa e outras questões nos levaram a pensar na emergência do conceito de povo-autor e nos impulsionaram a investigar ainda mais a questão da autoria individual e coletiva dos indígenas. Por conta disso, optamos por dar continuidade à pesquisa das cartas, intitulado o novo projeto de *As cartas dos Povos indígenas ao Brasil*, para analisar as cartas que não foram selecionadas no projeto supracitado, produzindo uma discussão mais ampla do Brasil destinatário das cartas, tanto para apresentar os modos como diferentes líderes indígenas, ao biografarem suas próprias vidas, narram uma outra história do Brasil, quanto para demonstrar como nessas correspondências os povos indígenas nos apresentam a uma outra concepção de autoria: à noção de povo-autor. Para tanto, decidimos pesquisar as cartas dos indígenas em três importantes períodos da nossa história literária e política: 1630-1680 (*antes* do Brasil), 1888-1930 (na *nação* Brasil) e

entre 2000-2018 (no *presente* Brasil). Com esse novo recorte, pretendemos apresentar dois produtos principais: 1. Um arquivo dessas cartas em uma plataforma digital: espaço para outros estudos sobre a história literária do Brasil através das correspondências dos indígenas; 2. Uma exposição foto(áudio)biográfica dessas cartas, que possa promover uma discussão estética/política da autoria indígena em escolas públicas e museus nacionais e internacionais.

Assim, partiremos das 664 cartas já selecionadas e catalogadas durante a execução do projeto *Autobiografias indígenas em trinta anos de cartas* (projeto financiado pelo CNPq no Edital Universal 2013), analisando o destinatário Brasil e os contornos da autoria individual e coletiva dos indígenas durante o período de 1999-2020. Em seguida, nos dedicaremos à análise das cartas produzidas pelos indígenas Antonio Paraopeba e Felipe Camarão (cartas escritas no período colonial), presentes nos Arquivos da Real Biblioteca (Koninklijke Bibliotheek) da Holanda, em Haia (Nationale Bibliotheek van Nederland), bem como das cartas em defesa da terra, produzidas entre as décadas de 1888-1930.

Acreditamos que a relevância desta proposta está em fomentar pesquisas que trarão à tona um problema pouco referenciado no campo dos estudos da crítica biográfica. Destacamos também que a criação da plataforma digital contribuirá para difusão de um material literário e histórico inédito, que poderá ser livremente acessado por professores nas escolas públicas, pesquisadores em universidades, por profissionais das Letras e historiadores pertencentes a estabelecimentos nacionais e internacionais de pesquisa. Através da apresentação dos resultados da pesquisa em períodos e em congressos nacionais e internacionais, daremos visibilidade às questões sobre autoria individual e coletiva dos indígenas, discutindo a noção de povo-autor como uma nova concepção de autoria, bem como à ideia de que esses textos precisam fazer parte do campo dos estudos literários no Brasil.

Ressaltamos ainda que com as cartas em circulação será possível ao grande público conhecer uma outra versão do Brasil narrada e criada pela autoria dos Povos indígenas. Destacamos também que com a criação da exposição Foto(áudio)biográfica das cartas (que pretende ser itinerante e gratuita), ofereceremos aos museus nacionais e internacionais e, principalmente, às escolas que ofertam educação básica, não só um material estético-didático sobre os modos de escrita dos indígenas, mas um memorial oral e imagético da literatura e da história do Brasil.

## **METODOLOGIA**

1. Mapeamento dos regimes históricos de produção e circulação das cartas escritas por indígenas em 1630-1680 (*antes* do Brasil), 1888-1930 (na *nação* Brasil) e entre 2000-2018 (no *presente* Brasil);
2. Seleção, organização e tradução das cartas produzidas em 1630-1680 (*antes* do Brasil);
3. Seleção, organização e tradução das cartas produzidas 1888-1930 (na *nação* Brasil);
4. Revisão bibliográfica dos conceitos de autor, autoria, espaço biográfico, gênero epistolar e fotobiografia;
5. Levantamento das biografias dos autores das cartas produzidas e assinadas individualmente, a exemplo das cartas escritas por: Gabriel Gentil, Maninha Xukuru, Antonio Paraopeba, Chicão Xukuru, Davi Kopenawá, Felipe Camarão,
6. Revisão crítica do conceito de autor, autoria e autobiografia a partir da emergência autoral do sujeito histórico indígena no campo da crítica biográfica;
7. Construção de um arquivo de imagens para a exposição das fotobiografias;
8. Mapeamento das principais contribuições bibliográficas, dentro e fora do Brasil, que discutem a autobiografia indígena em outros suportes de escrita e formações discursivas;
9. Análise do tipo de interlocução, a situação e as diversas esferas e funções que a carta, como gênero de texto, pode agenciar;
10. Levantamento bibliográfico e leitura crítica da noção de coletividade e assinatura coletiva quando se fala nas produções de autoria indígena;
11. Investigação dos pressupostos formadores do que Arfuch (2002) chama de espaço biográfico em comparação com os modos de narrar e a razão dialógica presente nas cartas produzidas pelos povos indígenas;
12. Montagem da plataforma digital, atentando para uma apresentação estética e dinâmico do arquivo;
13. Seleção e produção das foto(áudio)biografias das cartas para a exposição;

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A Câmara Clara**. Nota Sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2<sup>a</sup> ed., 1984.

\_\_\_\_\_. **O Óbvio e o Obtuso: Ensaio Crítico III**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

BENTHIEN, R. F. O que há de impessoal em arquivos pessoais: considerações a partir de uma experiência de pesquisa na França. **Vozes, pretérito & devir**, Teresina, v.3, n.1(2), p.42-57, 2014.

BOURDIEU, P. A Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 183-196.

CAMARGO, A. Arquivos Pessoais são Arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n.2, p.26-39, jul./dez. 2009.

CASTRO, E. V. **Encontros**. Organização Renato Sztutman. Rio de Janeiro: Beco do Açogue, 2008.

\_\_\_\_\_. O medo dos outros. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 2011, V. 54, n. 2, p. 886-917.

CASTRO, F. F. Sociedade dos arquivos: temporalidade e intersubjetividade na cultura contemporânea. **Contracampo**, Niterói, v.35, n.2, p.183-199, 2016.

COSTA, S. L. As cartas dos Povos Indígenas ao Brasil. **Memória Americana: Cadernos de etnohistoria**. Buenos Aires, UBA, 2018, Vol. 26, n.1, p. 94-104.

\_\_\_\_\_. *O que (ainda) podem as cartas?* **Interdisciplinar VIII**. Sergipe, UFS, 2013, V.19, n. 01, p.87-98.

CUNHA, M. C. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo, Claro Enigma, 2012.

CUNHA, O. M. G. da. **Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo**. Mana, Rio de Janeiro, v.10, n.2, 2004.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Cláudia Moraes Rego. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAZ, B. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Trad. Sandra Ferreira. São Paulo: EDUSP, 2016.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Editora Papirus, 2009.

GOMES, Â. C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GOMES, Â. C. **Nas malhas do feitiço**: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.121-127, 1998.

GRASSI, M.C. **Lire l'épistolaire**. Paris, Dunod, 1998.

GUARACY, Thales. **A criação do Brasil 1600-1700**. São Paulo: Planeta do brasil, 2018.

KOSSOY, B. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

KRUPAT, A. **For Those Who Come After**: A Study of Native American Autobiography, University of California Press., 1989.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAIOR, P. S. Fastos pernambucanos. **Revista do Instituto histórico e geográfico brasileiro**, Rio de Janeiro. Tomo LXXV 1912, Parte I (1913), 259-504.

PALMEIRA, M. Arquivos pessoais e história da história: a propósito dos Finley papers. In: TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. (Orgs.) **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

PEDROSA, C. (Et al.). **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2018.

ROUILLÉ, A. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ZULAR, R. (Org.) **Criação em processo**: ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002.